

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

CINEMA
ARTE
ELEGANCIAS

É desportista?

É do Norte?

**Compre ———
CAFÉ CAMPEÃO**

CASA HOLANDEZA

Waldemar & C.^a

Rua Fernandes Tomás



Há duas coisas que todos os homens
de bom gosto têm no coração: as mulhe-
res bonitas e a tinta a água

MURALINE

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 50-1.º e 2.º
TELEFONE. 2571 ————— PORTO



**Mary Carlisle demonstra
pela comparação dos ta-
manhos, a importância do
telefone na vida actual.**

NÃO QUEREMOS LEGENDAS ASSIM!

Se todos conhecessemos com intimidade o francês, o inglês, o alemão e soubessemos ouvir e compreender aquele americano antipático das fitas de além Atlântico, o caso estaria resolvido e não precisaríamos das legendas cinematográficas que, por mais disfarçadas, sempre estragam a beleza da imagem e dela desviam a atenção do espectador. Como, porém, em Portugal nem mesmo alguns jornalistas sabem ler o que se escreve, ainda devemos estar distantes do tempo de universal sabedoria em que as legendas cinematográficas serão desnecessárias.

Hoje as legendas são, pois, um mal preciso! Tenho-lhes ódio apesar de, por cá, as fitas terem, na generalidade, as merecidas legendas: fitas péssimas, péssimas legendas.

O cinema, que tanto chama hoje a atenção do povo, não deve perder nunca as suas formidáveis faculdades de educador. No referente aos dizeres elucidantes sobrepostos à imagem, alguma coisa poderia conseguir-se. Desgraçadamente, as lições que o público recebe são raríssimas e péssimas, pois o escrúpulo e a ciência do tradutor de legendas estão pouco acima dos conhecimentos da maioria pública, quando não são inferiores a éstos.

Traduzir não é compreender mais ou menos, dizendo e escrevendo mal aquilo que se supõe haver compreendido! Como a empresa não quer pagar muito, encarrega das traduções quem as faça por pequena paga, ou quem seja amigo. O tradutor, por sua vez, como recebe «x» por traduzir bem e «x» por traduzir mal,

só sabendo, ordinariamente, traduzir mal, traduz a correr, sem consciência, sem ciência, sem atenção, criminosamente, pensando apenas no lucro próprio.

Dai, legendas sem ortografia, sem sintaxe, compridas, disparatadas, impróprias, escusadas.

As duas primeiras faltas facilmente são corrigíveis: ou as empresas mandam os tradutores fazer de novo o exame de instrução primária e o curso dos liceus, ou chamam para o seu serviço quem saiba escrever português. A legenda deve ser breve e completa: ao tradutor caberá o trabalho de buscar a forma lapidar e definitiva. O disparate acaba desde que o legendista conheça bem a língua mãe da fita e não traduza «de grãce» por «de graça» como numa cantiguinha do «Apaixonadamente».

A propriedade conseguir-se-á mostrando ao Senhor Chagas Roquete que, num documentário sobre a pesca do tubarão e do espadarte não ficam bem as legendas repletas de laracha. O bom senso e o bom gosto indicarão o local onde uma legenda não é necessária.

Nos nossos salões cinematográficos, todos os dias aparecem legendas que causam pena e nojo. Por servilismo, comodidade, ou possível desconhecimento, são aceites por quem deveria olhar por éstos assuntos e chamar à ordem as pessoas que, vivendo à custa do público freqüentador dos cinemas, demonstram não ter por êle nem a mais leve consideração, nem o menor reconhecimento.

a l b e r t o d e s e r p a

LILLIAN HARVEY, ARTISTA

Lembro-me bem! Foi no tempo do apogeu do «Olimpia», dois ou três anos antes da aliança da imagem com o som, que Lillian Harvey deixou de ser, para mim, apenas uma figurinha gentil, simpática e alegre para a qual dirigíamos olhos amáveis e plenos de ternura, olhos que a seguiam sempre, do início ao cabo dos seus filmes sem procurarem, contudo, outros prazeres que não fôsem ingénuos e platónicos.

Eu começava então a tentar ver no cinema alguma coisa mais para além da história narrada pela seqüência de imagens e sentia-me imensamente feliz se notava e compreendia um símbolo ou se achava a justificação de qualquer malabarismo executado pela câmara cinematográfica.

E uma das maiores dessas alegrias tive-a ao ver no «Olimpia» «Uma noite em Londres» e ao certificar-me de que Lillian Harvey, a intérprete desse filme, era uma espantosa Artista, animando com igual talento as cenas mais dispares, os sentimentos mais diversos.

Passsei então a aguardar as suas interpretações com ansiedade artística, eu que até aí aguardava somente a sua figurinha grácil com ansiedade piegas. Segui, entusiasmado a sua carreira e a impressão dos meus desassete anos distantes tem-se mantido, tem-se vincado até, a favor da Artista sem uma quebra, numa ascensão constante, progressiva.

Lillian Harvey tem sido incensada em dezenas, em centenas de artigos que lhe gabam a leveza de atitudes, que lhe exalçam a «imaterialidade do corpo» frágil ou a graciosidade da presença — preocupando-se muito poucos, quasi nenhuns com a sua personalidade artística.

Contra isto me insurjo! Lillian Harvey não merece apenas as palavras que possam ser aplicadas também a Marta Eggerth, a Annabela ou a Kate von Nagy, porque não é simplesmente, como qualquer destas, um «amor de rapariga» que, artisticamente, se limita a não desmanchar o conjunto interpretativo.

As interpretações de Lillian são autênticas «criações» de personagens que ela sabe fazer viver ante nossos olhos, na tela, como criaturas com vida independente da sua, sem todavia deixar de lhes insuflar aquela parcela de personalidade que o verdadeiro Artista sempre deve imprimir à sua obra.

As três outras actrizes que mencionei — e com elas a maioria — limitam-se a reproduzir nos filmes, com naturalidade, os gestos que todos os dias fazem no decorrer da sua vida privada. Não são artistas; têm apenas a calma suficiente para não se embaraçarem com a luz potente dos «sunlights», para não se perturbarem com as exigências dos realizadores e para não ligarem importância aos movimentos da câmara e do micro; possuem, em resumo, a faculdade de abstracção bastante para se julgarem em suas casas e não numa oficina. Daqui resulta, necessariamente, uma inferioridade artística porque são, muitas vezes, obrigadas a exprimir sentimentos e a praticar ações que as suas personalidades não comportam e, porventura, condenam.

Lillian, abstraindo-se de si mesma, pensando e agindo por imposições dum cérebro que não é o seu, mas o da personagem representada, consegue dar-nos uma ideia muito mais nítida e natural da realidade que encarna.

Nenhuma das suas mais directas rivais no género a que se dedica — rivais que creio serem justamente as três actrizes a que me referi já — seria capaz de dar à luvreira de «O Congresso que dança», à cinéfila de «Um sonho dourado» ou à cabeleireira e aia de «A Imperatriz e eu» o valor que a essas interpretações alcançou dar Lillian Harvey. E não há na carreira filmica de qualquer dessas raparigas simpáticas momento algum como aquele em que, no seu último filme para a «Ufa», Lillian canta o «Jamais je ne pourrais vivre loin de toi» à cabeceira de Charles Boyer, ferido gravemente.

Guardo desta cena admirável, espantosa, perfeita, talvez a melhor recordação da minha vida de espectador cinematográfico — e parece-me que ela só basta para que Lillian-Artista passe a ser julgada Lillian-A Maior Artista!

Leitores do MOVIMENTO:

Continuem a simpatizar imenso com tôdas essas raparigas francesas, alemãs e americanas que se fingem ingénuas, que são graciosas e amáveis; que têm olhos gaiatos e riso sadio e franco. Continuem a esgotar as lotações dos cinemas que exibem os seus filmes e a sonhar com uma camarada assim.

Mas coloquem a Lillian Harvey num plano à parte. É que essa não precisa da vossa simpatia — exige a vossa admiração.....

a l e x a n d r e s e r p a

Aqui está: Vossos olhos a têm visto, por certo, dezenas de vezes.

Dezenas de vezes, com certeza, vosso coração tem visto nela o vosso ideal de rapazes: simples, graciosa, camarada sincera e companheira de eleição...



Procurai abstrair por momentos da sugestão que sua especiosa beleza de inglesinha tem sôbre vós.

E olhai-a, um pouco, não com o coração mas com a inteligência. Lucrará vosso culto, lucrará esta rapariguinha simpática entre tôdas, e lucrareis vós próprios porque tereis completado um impulso de sensibilidade com um acto de justiça.

3 ESTRÊLAS



Marlène Dietrich, Jeannette Mac Donald e Martha Eggerth, três nomes consagrados pelos cinéfilos portugueses, sugerem-me algumas considerações. Começo por perguntar:

Para se atingir a categoria cinematográfica de estrela, será necessário, imprescindível ser bonita?

Acho que não.

A beleza, embora marque no número de requisitos exigidos, deixa todavia de ser primacial no computo do valor artístico, porque para ser «estrela» não basta ser perfeita de corpo e correcta de feições, pois só assim se explica que a maior parte das banhistas de Mac Sennett não chegassem também a ser estrelas.

Muitas «stars» só atingem o máximo de expressão artística quando, pelas exigências do próprio papel a desempenhar, deixam de ser belas para se tornarem feias. Tenha-se em vista Miriam Hopkins no *Tenente Sedutor* ou Lupe Velez na *Ressurreição*. E há ainda no firmamento da Cinelândia uma mulher que nem primando pela beleza, nem pela mocidade (pois tem sessenta anos), no entanto brilha mais do que nenhuma outra: Mary Dressler.

Este critério de apreciação, podendo parecer estranho, encerra, contudo, grandes verdades. Quem ler as opiniões de Cecil B. de Mille,

Sam Kingston, Thomas Ince, poderá certificar-se do seguinte: no cinema não é a beleza física, mas sim os elementos intelectuais e artísticos os mais aptos a abrirem as portas da consagração.

Porém, a escalada torna-se difícil e tormentosa. Algumas eleitas do público formaram primeiro «bicha» à porta do «Casting Office» e só muito lenta e penosamente conseguiram vencer. Isto sabe-se, mas quasi não se acredita: foram «extras», Janet Gaynor, Clara Bow, Lupe Velez, Bébé Daniels, Renée Adorée, Brigitte Helm e a própria Marlène, cuja prova da zincogravura de um retrato, ainda húmida de tinta, tenho aqui para ilustrar este artigo.

Marlène Dietrich possui além da beleza mórbida (qualidade física para certos papeis) um temperamento artístico. O público deve convencer-se para sempre (e muitos são já os convencidos) de que uma linha harmoniosa de formas não é o suficiente para exhibir com êxito atitudes e gestos deante da objectiva. Dar a sensação por intermédio do gesto, só o conseguem as verdadeiras comediantes e para ser uma actriz no perfeito significado do termo (quer em cinema, quer em teatro) necessário se torna compreender e apreender os conflitos psicológicos que animam a personagem e exteriorisá-los.

Do angulismo das faces de Marlène disse uma vez Elisabeth Muller, que parecia demonstrar «o mais formidável desdém pela vida... o desdém de quem voltou da vida».

Outras artistas alcançam, todavia, mais rapidamente e facilmente a celebridade no écran, o que confirma a regra, pois devem-no ao seu valor feito de experiência no tablado. Estão neste caso: Pauline Frederik, Alice Joyce, Florence Vidor, Irene Rich, Mary Pickford e Jeannette Mac Donald.

Jeanette foi aluna da American School of Dramatic Arts. Rezam as biografias que em 1922, abandonando a escola, ela apareceu pouco depois no Cine-Capitório em números de variedades. E quando já trabalhava no teatro, ao representar a opereta «Magic Ring» foi que um empregado superior da Paramount, ouvindo-a, a convidou a prestar uma prova. Mas reparem no género



musicado, leve, sem grandes vôos, dos filmes de Jeanette e verão confirmado mais uma vez tudo o que acima se disse.

Com respeito a Marta Eggerth ela é das mais novas, mas também das não menos queridas das plateias. Mais perto de Jeanette pela voz e distantes ambas de Marlène, Marta Eggerth vista neste retrato é bem digna que se repare um pouco mais atentamente nela.

Deixemos as biografias e biografemos a bel-prazer sôbre o que nos pode sugerir esta rapariga tal como está, deliciosamente alegre. Não tenham dúvidas: pelo seu ar, pelo seu todo, parece ter aderido ao nosso manifesto. E digam-nos, agora, se ela não merecia (e isto muito a sério) que se lhe cantassem aqueles versos admiráveis de Quick:

Nous avons l'âge de raison!
Faisons des folies!
En toutes saisons!
Être heureux pendant quelques heures...
Être heureux... c'est déjà très beau!...
Le temps que se fanent les fleurs
De ton chapeau.

Merecia, sim, mesmo estando em cabêlo.

a l e x a n d r e d e m é d i c i s



A FUNÇÃO DA TÉCNICA

Se um realizador tiver por principal objectivo a técnica, o filme resulta uma coisa fria, sem humanidade, apenas uma seqüência de imagens mais ou menos agradáveis à vista.

Quando um realizador constroi um filme, qual é, teoricamente, o fim imediato que tem em vista? Naturalmente procurar que as imagens projectadas na tela se aproximem o mais possível da realidade «real», ou da que o seu cérebro visionou.

Perante a vida, um artista toma sempre uma de duas posições: ou a objectiva, limitando-se a reproduzir fielmente tudo o que lhe impressiona os sentidos; ou a subjectiva, reproduzindo os sentimentos, os factos e as coisas atravez da sua maneira pessoal de ver e sentir.

Para tudo isto, o artista realizador serve-se da técnica.

Pretende criar-se um ambiente africano, onde há lutas de feras e se «vê» uma temperatura tropical? quere-se reproduzir um grande incêndio ou o naufrágio dum «Titanic»? ou antes dar a impressão nítida duma pessoa atropelada por um auto em plena velocidade?

Para qualquer destes casos é absolutamente desnecessário deslocar-se numerosa caravana ao âmago do Continente Negro; incendiar um prédio; meter a pique, em pleno oceano, uma cidade flutuante; ou sacrificar estúpidamente uma vida, às rodas velozes dum automóvel.

Para se criar qualquer destas «realidades» ha o truque; e o truque está dentro da técnica, constituindo um dos seus elementos mais valiosos, e talvez o mais interessante para o curioso.

Que uma fita seja, da primeira à última imagem, construída sôbre truques não importa.

O que interessa, o que é fundamentalmente indispensável, é que o truque seja de tal forma perfeito que o espectador não se aperceba dele.

Que nos importa que a mina do filme de Pabst tenha sido feita de madeira e papelão ou que alguns edifícios das películas de René Clair sejam simples miniaturas, se todos julgamos ver derruir uma mina autêntica e tivemos a impressão de que as casas e ruas de «Sob os telhados de Paris» ou de «14 de Julho» eram verdadeiras?

Há, para este fim, métodos diferentes.

Assim, dum modo geral os realizadores de Hollywood e os melhores europeus, como Pabst e Clair, trabalham quasi exclusivamente dentro do estúdio.

Por outro lado, o russo Dziga-Vertoff, fundador da «Kino-Glass», fiel aos princípios da sua escola, despreza absolutamente a officina e vem para o exterior, sequioso de ar e de luz do sol, e é da própria natureza que colhe os planos que, depois, segundo o seu processo da «montagem em tons secundários», êle anima de modo a que, muitas vezes, se projecta na tela uma «realidade» inteiramente diversa da que a objectiva captou.

Técnica, nada mais.

Há quem, com um sorriso imensamente superior, desdenhe do truque e afirme, categoricamente, que os descobre a todos.

Pretenciosismo imbecil!

Gostava de conhecer os espertos que descobriam, por exemplo, a filmagem por espelhos de «Um sonho doirado».....

O que é preciso atacar constantemente é o truque grosseiro género «Tarzan», que por isso mesmo, em vez duma obra de fantasia talvez agradável, não era mais do que uma infeliz palhaçada.

Há realizadores que se deixam seduzir por efeitos relativamente fáceis da técnica, procurando «épater» com meia dúzia de ângulos exquisitos e duas ou três chinesices engraçadas.

Nós, hoje, assim como não admitimos um livro de prosa ou de verso que tenha exclusivamente palavras mais ou menos bem dispostas, também não devemos admitir um filme que tenha apenas imagens, em que seja tudo para os olhos e nada para o cérebro. É claro que ao falar assim, ponho absolutamente de parte os documentários que não são, de forma nenhuma, um género inferior de cinema.

E, a propósito, estava tentado a fazer umas ligeiras considerações sôbre o «gongorismo» de alguns filmes de Fritz Lang, e a citar, para comparação, a sobriedade admirável de Leontine Sagan ou das obras de Pabst.

Mas, por uma questão de comodidade, não estou para isso. É que, naturalmente, caíam o Carmo e a Trindade.....

f e r n a n d o b a r r o s

EXMO. SENHOR FRITZ LANG



Não pode V. Ex.^a calcular a alegria que nos tomou ao termos conhecimento, pela providencial informação de um colega francês, da sensacional novidade: V. Ex.^a está tratando de divorciar-se.

A nossa alegria, facilmente compreensível depois das explicações que vamos dar, poderia, sem elas, ser erradamente interpretada. Ora, visto que possuímos por V. Ex.^a uma consideração elevadíssima, não desejamos que assim seja.

Não somos bisbilhoteiros; nenhum de nós alberga no seu coração qualquer mórbida inclinação sentimental pela futura ex-esposa de V. Ex.^a; e não há, nas nossas relações femininas, qualquer donzela suspirosa e terna, a quem a próxima liberdade civil de V. Ex.^a possa interessar directamente.

A alegria a que nos referimos tem uma origem meramente intelectual.

De há muito tempo ia tornando-se reparada e lamentável a assiduidade mantida pela Senhora Dona Thea von

Harbou na produção de argumentos para os filmes por V. Ex.^a dirigidos.

A mulher é, sem dúvida, um ser interessantíssimo para o amor; bela, serve, além disso, para lisonjear nossa vaidade; habilidosa e metódica, arranjará comodamente o nosso lar, fará com que tenhamos bom café e parceiros alegres, à noite, para o «bridge».

Conseqüentemente a imaginação e engenho só os compreendemos, na mulher, quando exclusivamente dirigidos para as coisas do amor, os artificios da beleza, ou as comodidades do lar.

O senhor Fritz Lang é uma pessoa inteligente e tem de concordar connosco! A Mulher, por sua natureza e sentimentos vive fora da Vida. A sua própria essência a prende à superfície.

Abreviemos: V. Ex.^a Senhor Fritz Lang deve ter feito para si próprio, uma exibição de tóda a sua obra e deve ter enfim compreendido — o seu divórcio o mostra — que essa mesma fragilidade que é, para as mulheres, um grande encanto, é um inevitável fracasso, para a arte....

HESITAÇÃO

Eu sei que não é bonito
Desdenhar
De possuir qualquer mulher.
Mas, apesar disso, hesito
E digo ao meu coração:
— Que mais querias:
Esta mulher,
Ou o cão?

Que mais querias?

O amor e a graça
Que ela te oferece,
Ou a serena e humílima ternura
Que êle venha a dar-te?
— Chama que se ergue e, logo após, se apaga,
Sol que brilha, radioso e, logo parte,
Ou amizade eterna que perdura?

Mulheres desejei,
Mulheres possuí...
Mas entre os olhos todos que beijei
E aqueles olhos, pelos quais, sofri,
Olhar sereno,
Confiado e bom
Como o de um cão que tive e que morreu,
Confesso: nunca achei!

Esta linda rapariga
É certamente alegre, e boa, e carinhosa;
Sua carne, decerto, sabe a folhas de rosa;
Ao abraçar a gente, seus abraços
Devem formar, por certo,
Indestructiveis laços;
Seu ombro deve ser um delicioso encôsto
Para alguém descansar;
Deve ter, seu andar,
Um vago geito de aza;
E a própria claridade de seu rosto
Diz que seu beijo
(Impulsionado, embora,
Por ternura, ou desejo)
Deve ter o sabor dos orvalhos de aurora
E da fruta de Agosto...



Mas vem mesmo daqui
A minha hesitação.
Qual devia escolher:
— A Mulher,
Ou o Cão?...

armando vieira pinto

VALA COMUM

Leitão de Barros, o conhecido cineasta português, incontestavelmente o único, cujas possibilidades foram mostradas praticamente, até hoje, separou algumas horas da sua rápida passagem pelo Pôrto, e empregou-as em conversar connôco, na redacção.

Esta continuidade de gentileza que Leitão de Barros manifesta para com a nossa revista, as palavras de incitamento e aplauso que nos disse, a sua boa opinião a respeito da nossa directriz, penhoram-nos e envaidecem-nos.

E ao despedir-se, autorisou-nos a prometer aos nossos leitores um artigo seu possivelmente já no próximo número.

*

Todos nós, os que fomos cábulas, tentamos enganar os mestres, nos bons tempos em que eles nos chamavam à lição. Com um bocadinho de inteligência e muito palavriado, fácil é torcer uma pergunta, falsear um tema, fazer muito barulho e dar a impressão, para quem olhe as coisas de relance, de que a razão está connôco.

Pela nossa parte, não pretendemos dar lições a ninguém. Houve, no entanto, alguém que quis tomar-nos por professores chamando os meninos «à pedra», quando escrevemos o nosso primeiro artigo sobre cinema português. Fez muito mal, e enganou-se. Nós também sabemos que existem interesses monetários, que a arte cinematográfica portuguesa está sendo um simples negocio, e que uma farsa de René Clair, por exemplo, não é um espectáculo inferior. Simplesmente, aguardamos a «Canção de Lisboa.» E, como somos bem intencionados, ficaremos convencidos até nova ordem, de que essa primeira farsa de ambiente português será feita com a critica superior de um Gil Vicente e o talento de um René Clair. Mais nada!

*

Do Sindicato dos Profissionais de Cinema recebemos a noticia da sua constituição legal. Por absoluta carência de espaço, adiamos para o próximo número as nossas referências a este facto.

*

«Horizonte» cumprimentou-nos. Agradecemos-lhe a amabilidade e reservamos-lhe a nossa amizade absoluta-

mente nortenha, isto é: desinteressada, sincera e leal.

Particularmente, porém, queremos abraçar o amigo Alves Teixeira, cuja camaradagem nos honra e nos é infinitamente preciosa.

*

Vai-se publicar um decreto de protecção ao cinema nacional. A letra desse decreto—de resto inteligente e com todos os geitos de proveitoso—sugere-nos alguns comentários que, bem a nosso pezar, teremos de só fazer no próximo número.

*

«Cavalgada» foi o último grande êxito do Dwry Lane Theatre de Londres. É extraiada do drama de Noel Coward e foca os incidentes mais dramáticos ocorridos desde 1899 até à actualidade.

Figuram: a guerra anglo-boer, a morte da rainha Vitória, a primeira travessia aeria do canal da Mancha, o naufrágio do Titanic, a grande guerra mundial e a noite do armistício em Trafalgar Square. A película termina com a noite de S. Silvestre, o último dia do ano, de 1930.

Para se fazer ideia da importância de este filme, basta ver a seguinte estatística sobre o pessoal e material empregados: interpretes principais, 40; interpretes secundários, 150; técnicos, 200; comparsas, 15.000; soldados, 10.000; cavalos, 1.000; cantores, 5.000; canhões, 50; vestidos, 25.000; combóios, 4; transportes de guerra, 2; zepelins, 3; automóveis, 200; taxis, 50; carroças, 50; transatlânticos, 1; bailarinos e bailarinas, 500; músicos 1.000. Além disto teve de fazer-se, ainda, parte da construção de «Trafalgar Square», de «Tilbury Docks», da Cathedral de São Paulo, de 15 bairros londrinos e da estação de Vitória.

*

Fernando Fragoso insurge-se contra os jornalistas que, a propósito do incêndio da casa Castelo Lopes, pretenderam comover o público dando a noticia—de resto falsa—de ter ardido a «Parada do Amor».

E agora pergunta-se: não lhes parece ridículo, falar tanto de filmes, a propósito de um incêndio em que morreram homens?



J. Augusto
Camp

Passo Movimento
revista de cultura
terceira edição
venda: 1000
H. de Almeida
Lisboa
30
6
1933

DAMOS AOS NOSSOS LEITORES ESTA FOTOGRAFIA DE NITA BRANDÃO, PARA QUE OS SEUS OLHOS SE ENCHAM DE LUZ, COMO ACONTECEU AOS NOSSOS...



CENAS —
EXTERIORES

DO —
GADO
BRAVO



CINEMA — JAPONÊS

Eu não me lembro de ter visto em revistas portuguesas, com referência ao cinema japonês, mais do que pequenas notas, isoladas, perdidas, nunca dando uma ideia clara e geral, ainda que sintética, da importância e da popularidade sempre crescente que a arte cinematográfica goza no velho Japão. Porisso me lembrei de passar um rápido golpe de vista sobre o cinema japonês, nesta crônica singela, ilustrada por imagens bem sugestivas de alguns dos filmes mais curiosos que no Japão foram realizados.

No Japão, onde tôdas as artes são velhas de muitos milhares de anos, o cinema — garoto recém-nascido — aparece como atrevido revolucionário, em ofensiva declarada contra o velhíssimo teatro que lhe serviu de modelo, é certo, mas ao qual venceu na luta que os dois travaram diante dum público que depressa se voltou para o espectáculo novo que lhe viera do estrangeiro. (1).

Foi em 1905 que os primeiros filmes foram introduzidos no Japão. Filmes franceses, na sua maioria. Atrás dêsses, outros vieram e não tardou que o próprio país, com essa extraordinária



facilidade de adaptação que é atributo do povo japonês, tentasse os seus primeiros ensaios na arte das imagens em movimento.

Em 1921, a produção cinematográfica no Japão já era intensa, concorrendo abertamente com a produção que continuava vindo do estrangeiro, mas agora sobretudo da América e, em menor escala, da U. R. S. S.

Claro que é ao teatro que o cinema vai colher motivos, processos e inspiração. Todos os velhos assuntos românticos e históricos, todos os velhíssimos dramas que passaram pelo palco são reconstituídos pelo écran; as obras literárias mais conhecidas, mais populares, tanto nacionais como estrangeiras — e de preferência aquelas que se afastam da vida real — são também, uma a uma, traduzidas para a linguagem das imagens. Contudo, o assunto e o carácter dos filmes japoneses foi-se modificando lentamente, sobretudo após o grande terremoto que destruiu Tokyo em 1923. Muitos realizadores, deixando as velhas histórias fantásticas, de combates, duelos, feiticeiras e dragões, procuraram novas directrizes, rompendo com os antigos métodos aprendidos no teatro, não impedindo isso, todavia, que os «dramas



(1) Em 1926, pelas estatísticas, por cada 100 espectadores de teatro havia 300 espectadores de cinema.



à antiga» continuassem sempre em maior número e gosando a preferência.

* * *

A cabeça de toda a produção cinematográfica, encontram-se duas importantes organizações: a «Kikkatsu» e a «Shochiku», a primeira das quais conta hoje mais de 20 anos de activa existência. A «Kikkatsu» está especializada em filmes históricos, mas tem produzido, também, obras baseadas na vida contemporânea, como esse famoso «Ele e seis mulheres», causa de longas discussões com a censura que exigia nma modificação total no final do filme.

Deve dizer-se que a censura japonesa é pródiga em resoluções bizarras e foi extremamente severa em questões de «moralidade e bons costumes», se bem que, actualmente, se mostre mais clemente e razoável. Houve um tempo em que todas as cenas de beijos eram cortadas. E ainda agora é proibido, por exemplo, nos filmes que tratam a vida actual, mostrar cenas de amor entre uma mulher casada e um homem que não seja seu marido, ou apresentar, de qualquer forma, uma rapariga violentada..... mesmo que tudo acabe pelo casamento!..... Por estas razões e outras semelhantes, os filmes japoneses que não versam assuntos históricos ou fantásticos, focam geralmente, exaltando-os, o amor filial ou a dedicação abnegada de dois irmãos.

A «Shochiku» está em oposição à

«Kikkatsu» não só pela sua importância, como sobretudo pelos seus métodos mais modernos e revolucionários.

Para estas e outras empresas, trabalham mais de noventa realizadores, produzindo anualmente muito mais de 900 filmes! E, apesar deste contingente elevadissimo de produção nacional, o Japão importa grande número de filmes estrangeiros, largamente apreciados pelo público e cuidadosamente estudados e discutidos pela crítica, sobretudo nas excelentes revistas da especialidade, «Eiga-Orai» e «Eiga-Hyōron», que se dedicam aos problemas cinematográficos com profundidade e inteligência. Muitos números da «Eiga-Hyōron», de larga tiragem, tem sido totalmente dedicados aos melhores cineastas europeus e americanos.

É intensissima a vida dos realizadores e dos artistas de cinema, no Japão. Dez, quinze ou trinta dias, é o tempo gasto na realização dum filme de grande metragem, porque da rapidez com que se trabalha resulta o pequeno custo de cada produção. Muitos actores são obrigados a interpretar quatro filmes simultaneamente, começando o trabalho às 7 horas da manhã e só o terminando às primeiras horas do dia seguinte!

* * *

Os filmes japoneses, longos, morosos, de argumentos pueris, as mais das vezes, exigindo quasi todos mais de três horas de exibição, são difficilmente aceites

e compreendidos pelos europeus e isso tem dificultado extremamente a introdução, nos países ocidentais da enormissima produção japonesa, aliás amortizada no próprio Japão. E ainda que isto possa surpreender, a causa dessa fácil amortização compreende-se rapidamente se dissermos que, por ano, os cinemas japoneses registam a entrada de mais de 220 milhões de espectadores!....

Há duas coisas muito características nos espectáculos cinematográficos japoneses. Uma, é o acompanhamento musical que comenta todo o filme e que é — mesmo quando o filme é sonoro — absolutamente independente deste. Assim, as cenas mais melancólicas são acompanhadas por música alegre, enquanto que música dolente acompanha as cenas alegres. A outra característica é o «ben-shi» ou «speaker», que segue todo o filme (quando este é mudo) explicando e comentando as cenas que se desenrolam, fazendo vaticínios sobre as cenas futuras e dizendo os diálogos



que os heróis do filme estão pronunciando. O «ben-shi», que aparece também em alguns filmes falantes, e de cuja arte muitas vezes depende o sucesso dum filme, é largamente apreciado no Japão, chegando mesmo a ter mais nomeada do que muitos dos maiores artistas cinematográficos.

* * *

O filme sonoro tem-se desenvolvido vagarosamente no Japão. No ano findo realizaram-se apenas cerca de quinze filmes falantes, representando aproximadamente 2,5 por cento da produção total.

Y. Ogino, jornalista japonês, escreve, na «Close-Up», referindo-se ao pequeno progresso feito pelo cinema sonoro no Japão: «.....e o que é mais triste é não se poder destacar um só filme falante comparável, técnica e artisticamente, às obras-primas europeias ou americanas. Citam-se várias razões. A primeira e dominante, é o facto de as características muito particulares dos filmes japoneses tornarem impossível a conquista dos mercados estrangeiros o que inibe os produtores de gastarem, na confecção duma película, tanto dinheiro como o podem gastar os cineastas americanos e europeus. Para realizar um filme sonoro é preciso muito mais dinheiro do que para realizar um filme mudo, e para projectar um filme sonoro é preciso aparelhagem especial. Ora muitos cinemas devido à crise actual, não querem fazer

novas instalações. A segunda causa é o facto de a maior parte dos realizadores japoneses não compreenderem que o fonocinema é uma forma mais profunda da arte cinematográfica, lançando-se, por isso sem grande pressa na nova via aberta ao cinema».

O mesmo jornalista aponta um facto curioso: a influência de «Sob os Telhados de Paris», de René Clair. Durante uns tempos era raro o fonofilm japonês que não começasse por um «traveling», tal qual como no filme citado, acompanhado igualmente pela canção-tema.

Apesar de tudo, o cinema sonoro, no Japão, parece querer entrar em bom caminho. A crítica, que é inteligentemente feita, bastante severa em questão de arte e gosando de forte influência sobre o público e sobre os produtores, tem pugnado de rijo pelo filme falante, guiando a produção fonocinematográfica japonesa para o nível superior ambicionado.

MOVIMENTO publica hoje mais um artigo cultural, este do nosso camarada Alves Costa, continuando assim a sua directriz de encarar a sério uma arte que até hoje tem apenas quasi exclusivamente servido para paleio ôco sem interêsse nem sumo.

alves costa

A TEMPORADA DE INVERNO NO "SÃO-JOÃO"

Há aqui uma coisa complicada a resolver. Com quem falei eu? Com o Alvaro Pires bom amigo, conversador espirituoso, pessoa bem disposta, graciosa e amável, ou com o gerente do São João?

Evidentemente, falei com os dois. E a dificuldade, para mim, existe, não em separar as pessoas, mas sim em separar as palavras que cada uma das duas pronunciou.....

Há ali, no São João, entre várias coisas esta coisa deliciosa: um sitio onde as horas passam rapidamente sem que a gente as sinta passar.

É certo que o caminhar ininterrupto das horas significa o nosso próprio caminhar, inexoravelmente, para a velhice. Mas, apesar disso, eu gosto que as horas passem. E gosto, acima de tudo, que passem inadvertidamente.....

Quando cheguei, hoje, com o propósito firme de arrancar uma entrevista, aconteceu-me aquilo que muitas vezes me tem acontecido.

As horas passaram, e quando me lembrei do que me levava ali, tive de me retirar. Mas à noite voltei. E os fados cumpriram-se.

— No inverno? Várias coisas boas. Olhe: da Paramount, antes de mais nada, «O Cântico dos Cânticos», com a Marlène; depois, «Revolta no Paraizo», realizada por Lubitsch, com Miriam Hopkins e Kay Francis; um filme de Chevalier.....

O Chico Viana, lá andava na faina, de máquina em punho. Acendia projectores. Apagava projectores. Esticava tripés. Encolhia tripés. Abria portas. Fechava portas. O diabo!

— A produção americana insiste nos filmes de género policial.

— Bem feitos?

— Geralmente bem feitos. Mas demasiados. Da Paramount levaremos, ainda, «Sobrenatural» com Carol Lombard, uma produção estranha, alucinante, do género «frisson»..... Levaremos também com a sua querida Silvia Sidney, «Pick up» que os espanhóis traduziram «Pescada en la calle» e «Simone est comme ça», com H. Garat e Meg Lemonier.

— E filmes europeus?

— Alguns. Mas deixe-me citar-lhe ainda mais algumas coisas americanas. Olhe: de R. K. O. «King-Kong», tirado de uma novela de Edgar Wallace, outra produção de terror.....

O Chico continua na faina.

Agora parece ter conseguido apanhar a posição da objectiva que mais lhe convinha. Mas os projectores fazem um calor insuportável. E nós vamos conversando, e vamo-lo aturando.

Fala-se da viagem, fala-se do calor, fala-se da vida caríssima de Barcelona: um café, 90 centimos; cortar o cabelo, 4 pesetas..... Eu arripio-me, todos se arripiam. Mas não podemos intervir, e os nossos arripios resultam deploravelmente inúteis.

— Da «Fox» levaremos vários programas. Filmes de Lilian Harvey, filmes de Janet Gaynor.....

Penso na alegria que esta notícia vai trazer a muita gente.

O meu camarada Alexandre Serpa, rejubilará, por exemplo.

Mas os filmes europeus não me saem da cabeça. Será doença? Suponho, antes, que seja espírito de justiça. E isto socega-me.

— Europeus.....

Finalmente!

— Europeus, levaremos, da «Ufa», dois filmes com Brigitte Helm: «A estrêla de Valencia» e «Adieu les beaux jours».

«A estrêla de Valencia», talvez os leitores não saibam, foi o filme de estreia de Jeanette Lanvin que desempenhará, ao lado de Henry Garat, o primeiro papel feminino de «Une femme au volant». Vários colegas nossos, o «Cinéfilo», por exemplo, continuam afirmando que êste papel será feito por Lily Damita. Mas é um engano.....

— Levaremos, ainda, com Lucien Baroux «Le chateau des Rêves».....

Lucien Baroux, — os leitores recordam-se — fez aquele noivo formidável da «Bela Aventura».

Anda qualquer coisa no ar.

Compreendo, instintivamente, que o meu interlocutor reserva, para o final, uma notícia de sucesso.

E por fim decide-se:

— Levaremos «GADO BRAVO» e mais dois filmes do Bloco H, da Costa. E levaremos — aí vai! — filmes «dobrados» em português.

Como os leitores sabem, nós somos contra o «dubbing». Mas compreendemos que, com o «dubbing» em português, a maioria lucrará.

E a maioria interessa-nos, quem sabe se por não fazermos parte dela.

Despeço-me. Subo as escadas. Sento-me, no bufete, diante de um regimento de coisas geladas, e escrevo esta página.

a. v. p.



COMO OS FILMES ERAM MUITOS FOI PRECISO TOMAR NOTA.

CONCURSO

Como os nossos leitores sabem, iniciou-se com o nosso numero 3 um originalíssimo concurso, organizado por «Movimento» de acôrdo com a gerência do São João-Cine, o nosso melhor e mais elegante cinema.

Não devem ser necessárias mais explicações a todos aqueles que desejem concorrer, visto que as bases do nosso concurso são da maior simplicidade. No entanto indicamos novamente o que terão a fazer os concorrentes, durante as duas semanas que vão desde a saída do presente número de «Movimento» — o n.º 4 — até à saída do próximo número, o n.º 5.

A tódas as pessoas que vão ao São João-Cine durante a semana que começa em 14 e termina em 20 de Agosto corrente, serão distribuidos selos com a fotografia de Claudette Colbert ou Silvia Sidney que entram respectivamente em «Segredos de Uma Secretária» e «Damas do Presídio» que aquele cinema exhibirá nessa semana.

Na semana seguinte, a começar em 21 e a terminar em 27 de Agosto, serão distribuidos selos com as fotografias de Noël Noël ou Clive Brook intervindo respectivamente nos filmes «As Irmãs de Celestina» e «24 horas» que o São João apresentará nessa semana.

Por sua vez no actual numero de «Movimento» que, para maior facilidade se encontra à venda nos bufetes daquela casa de espectáculos, publicaremos os 4 selos correspondentes aos que enumeramos acima, ou sejam: H. Marshall de «Os Segredos de Uma Secretária»; G. Raimond, de «Damas do Presídio»; Marie Glory de «Irmãs de Celestina» e Miriam Hopkins de «24 horas».

Trata-se apenas de coleccionar nas paginas respectivas, cada par de fotografias de um Artista e uma Estrêla, entrando em cada um dos filmes indicados.

Uma vez cheias as 6 paginas da caderneta, estará o concorrente habilitado aos seguintes PRÉMIOS:

PRIMEIRO PRÉMIO

QUINZE DIAS EM LISBOA, NUM HOTEL DE 1.^a CLASSE, COM TODAS AS DESPEZAS PAGAS, INCLUINDO VIAGENS, ALMOÇO E JANTAR NO RÁPIDO E BILHETES DE CINEMA TODAS AS NOITES.

20 SEGUNDOS PRÉMIOS

AOS PRIMEIROS 20 CONCORRENTES QUE APRESENTEM A SOLUÇÃO EXACTA, DAREMOS UMA ASSINATURA ANUAL DA NOSSA REVISTA, SENDO ESTA ASSINATURA ABSOLUTAMENTE GRATUITA E GOSANDO DE TODAS AS VANTAGENS DAS ASSINATURAS A PAGAR.

O PRÉMIO DE CONSOLAÇÃO

COMO PRÉMIO DE CONSOLAÇÃO DAREMOS A TODOS OS CONCORRENTES QUE COMPLETEM O CONCURSO UMA ENTRADA GRATUITA PARA O CINEMA SÃO JOÃO.

CALIX DA AMARGURA

Por êstes calores de estio, que embotam a ponta da sagacidade, que há-de fazer um jornalista em pavorosa luta com as cinco tiras de papel que se estendem sôbre a mesa, lividas, irónicas, vasiaas e que é necessário encher de alto a baixo com coisas extraídas do nosso interior?

Assim começaria certamente Eça de Queiroz esta crónica se estivesse ainda vivo e fôsse jornalista cinematográfico — duas desgraças a que a Providência misericordiosamente o poupou. Mas eu — ai de mim! — que rabeio nas hervas infimas (trago hoje entumecida a bossa de plagiário), como conseguirei preencher com o necessário brilho o longo espaço que o meu director tiránicamente me exige?

É certo que um cinéfilo, crestado pelo olhar das «vamps», das Gretas e das Marlênes, está hoje, mais que qualquer mortal de outras eras, habituado às altas temperaturas. Mas as ditas «vamps» fazem-nos suar apenas em pensamento e êste terrido calor de Agosto força-nos a uma transpiração rial, tangível, por todos — ou quási todos — os poros do corpo fatigado.

Desisto, portanto, de escrever o artigo — o artigo que eu gostaria de escrever: finamente pensado, cerzido numa forma impecável, perfeita, destinado a fazer palpitar o coração sensível das meninas cinéfilas, que a minha fantasia me estava já pintando igualmente debruçadas sôbre brancas folhas de papel, anciosas por me confiarem as suas impressões..... Isto era da minha parte o que se pode chamar, em linguagem shakespeareana, «o sonho de uma noite de verão».....

Mas, se desisto de escrever o artigo, não me é fácil escapar ao encargo de encher esta página.

Através da janela do gabinete onde rabisco estas linhas, vela sôbre mim a face livida da lua. Ergo para lá os olhos, implorando inspiração. E logo ela se contrai, se enche de traços humanos, toma a configuração severa do rosto do meu director, que implacavelmente me parece estar dizendo: «Escreva! A nossa revista não é das tais que saem quando calha! Lembre-se de que o MOVIMENTO não pode logicamente ficar parado».

Êste argumento aniquila-me. Mas, santo Deus! como é realmente pavorosa a luta! Como é difícil extrair de um crâneo gotejante de suor meia dúzia de ideias originais! Pobres ideias que, decerto, à semelhança das andorinhas no inverno, bateram as asas para melhor clima.....

Esta ideia — a única que ficou — impele a minha fantasia através do espaço, para junto de vós — ó gentilíssimas leitoras — que à beira-mar, na saborosa indolência das praias, praticando um semi-nudismo compatível com a higiene e a moral, vos estais refrescando e rindo alegremente da embaraçante tortura em que me encontro.

O Prof. cinema (como diz o Alberto de Serpa) ensinou-vos muita teoria durante o ano. Ides agora entrar nos trabalhos práticos. Nesta época de intensa produção nacional também vós estais anciosas em realizar os vossos filmes. O Henry Garat ou o Clark Gable que há-de contracenar convosco deve andar perto e os vossos olhos, húmidos de curiosidade, não tardarão em o descobrir. Para isso muito lucraeis em praticar tôda a arte de sedução que vos ensinaram a Marlène, a Joan Crawford e a Norma Shearer.

Encontrado o galã, a acção do vosso filme decorre naturalmente. O argumento é, com pequenas variantes, sempre o mesmo. A encenação também não exige cuidados especiais. É a que a natureza generosamente vos oferece e quando muito uma sombrinha discreta.

Com tudo o que aprendestes e vistes durante o ano, não será de admirar que o vosso pequenino filme saia tènicamente perfeito. Nos detalhes poreis mais ou menos arte, mais ou menos sentimento, conforme o vosso temperamento e as circunstâncias o exigirem. Mas todo o vosso cuidado deve incidir sôbre o final — porque é bem triste que um filme de amor não tenha um desfecho simpático.

É claro que não era nada disto que eu tencionava dizer-vos. Nem mesmo valia a pena distrair a vossa atenção por um momento para vos segredar ao ouvido estas insossas banalidades.

Mas, que querem? — eu tinha forçosamente que encher esta página.....

v a s c o r o d r i g u e s

A ÉPOCA DE INVERNO NO "TRINDADE" E NO "OLIMPIA"

Eu não conhecia o sr. Alberto Armando Pereira em pessoa. Quando cheguei à porta do escritório do «Trindade» fiquei muitíssimo surpreendido, pois concluí que a pessoa do sr. Alberto Armando Pereira, era do meu mais quotidiano conhecimento. As vezes não se liga o nome ao respectivo proprietário.

O sr. Alberto Armando Pereira, fazendo excepção a uma regra geral, é um jornalista cinematográfico amável, bem educado, que recebe bem o «Movimento» e nessa altura eu era o «Movimento» a querer saber o que o «Trindade» e o «Olimpia» exhibirão ao público na próxima época de inverno. (Emprega-se o adjectivo próximo porque êle está de escachar, como diria o Eça, e todos nós suspiramos pelas virações de Outubro).

Parece que o sr. Alberto Armando Pereira também me conhecia. Apertamos as mãos, apresentamos os nossos nomes e eu fui conduzido para a salinha das entrevistas cinematográficas.

O director do nosso colega «Cinema» — o meu entrevistado é um dos mais antigos jornalistas cinematográficos portugueses — apontando-me uma extremidade dum sofá com a marca registada de muitíssimos acentos, disse com vénia:

— Ora faça o favor de se sentar no cantinho dos jornalistas!

Modestamente pedi para me sentar no lado oposto e os écos tristes acordei assim:

— O «Movimento», sr. Alberto Armando Pereira, queria dizer aos seus leitores, antes de qualquer outra revista da especialidade, o que vai ser a próxima época cinematográfica no Porto e espera da nunca desmentida amabilidade.....

— Com todo o prazer..... Ainda não tenho os meus programas organizados definitivamente. No entanto posso dizer-lhe que alguns contractos já fechados me permitem anunciar que a próxima temporada do «Trindade» e «Olimpia» deve ser de molde a contentar o público.

— Vamos então ouvir e ver coisas boas?

— Em primeiro lugar devo dizer-lhe que o «Trindade» exhibirá o «Sinal da Cruz», um filme de Cecil B. De Mille com Fredric March, Claudette Colbert e outros.

— Parabens! — exclamei.

— «Se eu tivesse um milhão» também passará no écran do «Trindade». Um milionário faz o seu testamento deixando um milhão de dollars a cada uma de sete pessoas encontradas ao acaso na lista dos telefones. E a fita são sete fitas diferentes, cada uma focando o destino de cada milhão. James Cruze, Ernst Lubitsch, Norman McLeod e outros são os realizadores.

— Eu sei! O Leitão de Barros falou-me ainda ontem nêsse filme que viu em Paris.

— «A Venus loira» da Marlène Dietrich, realização de Josef von Sternberg, também faz parte nossos programas. Gary Grant é o galã e veremos um pequeno, Dickie Moore, que é um amor. «Madame Butterfly» inspirada na ópera, também é nosso. Sylvia Sidney será a japonesinha do filme. «O Rei da Selva» é um filme espectacular interpretado por Buster Krabbe, campeão olímpico de natação.

— E naturalmente — rematei eu, para dar folego ao nosso bom amigo — muitos outros animais.

— Sim bicharia em barda..... Há um incêndio num circo que afugenta todos os animais. Os elefantes despedaçam automóveis e caminhões cheios de passageiros.

— Por favor não continue que essas histórias comovem-me.

— Então para o dispôr bem direi que apresentaremos o Maurice Chevalier com Helen Twelvetreess e Adrienne Ames.

— E no género policial, não haverá nada para quem gosta?

— Há sim: «Assassino diabólico» logo para principiar no género. Uma cobra venenosa mata um convidado a um banquete num Jardim Zoológico. Lionel Atwill e Kathleen Burke, a mulher pantera, são os principais intérpretes. «Unidos na vingança» será outro filme policial com Nancy Carroll e George Raft.

— E é tudo?

Não. Com o título provisório «Nascida para pecar» veremos «She done him wrong», um filme com Mae West que bateu o «record» das receitas na América. E diga aos leitores do «Movimento» que cá os espero no «Trindade» para verem «Os meus lábios enganam» com Lilian Harvey. Aş admiradoras de Adolfo Menjou e

Gary Cooper terão «Adeus às Armas» produção de Frank Borzage, o realizador da «Hora Suprema».

— E agora mais nada?....

— Por agora só isto lhe posso dizer. O «Trindade» e o «Olimpia» exhibirão mais programas e, logo que possa dar mais novidades aos leitores do «Movimento» previno.

— Muito obrigado!....

Um/ «shake-hands» e rua.

S. & G.



UMA CÊNA DA FILMAGEM DE «O SINAL DA CRUZ»

ELEGANCIAS



A idade dos rapazes é um período de formação chamado a idade ingrata, expressão muito justa para o alfaiate encarregado de os vestir.

Se para a cerimonia da comunhão, ou para as circunstâncias da sua nova existência mundana, os pais procuram um alfaiate experimentado, acontece muitas vezes levarem seus filhos a um algibebe para os vestir mais ou menos bem, mas rapidamente.

Os jovens que vão ao alfaiate de seu pai tomam o hábito de uma certa garridice, pelo menos no sentido de vestir de um modo particular, estimulando-os verem-se tratados como uns pequenos homens.

Devemos persuadir-nos que vestir de um bom alfaiate não é mais caro que vestir de um algibebe pois que o fato talhado pela medida exacta durará mais tempo com linhas elegantes, a fazenda será de melhor qualidade e as atenções do jovem para o seu vestuário serão superiores.

Alguns países dispensam à elegância da adolescência um cuidado muito maior que no nosso País.

Em Itália, por exemplo, os jovens adquirem muito cedo o hábito de tratar de si e da sua maneira de vestir.

Os rapazes ingleses vestem-se muitas vezes por um modelo uniforme. Na maioria dos casos os fatos são feitos pelo alfaiate da familia mas quasi sempre confeccionados por um modelo geral e invariável. O casaco direito com 3 botões é uniformemente adoptado e combina-se com o calção justo no joelho ou calça «plus-four». O inconveniente desta maneira de vestir, é que o jovem abotoando os seus 3 botões enche os bolsos lateraes de objectos exóticos.

Para que um rapaz seja um verdadeiro rapaz, é preciso que tenha nos seus bolsos, pelo menos vários bocados de barbante, fósforos, bolas, um canivete, livros de apontamentos, borrachas, lápis, etc. etc., o que deforma os fatos.

A fotografia que se publica foi feita num match de golf entre duas Universidades de Inglaterra e efectuado em Cambridge.

Nela podem ver-se o «plus-four» e o «knicker» de marcha.

O tom geralmente adoptado é o cinzento menos sujeito a sujar-se, mas que tem também a desvantagem de ser monótono.

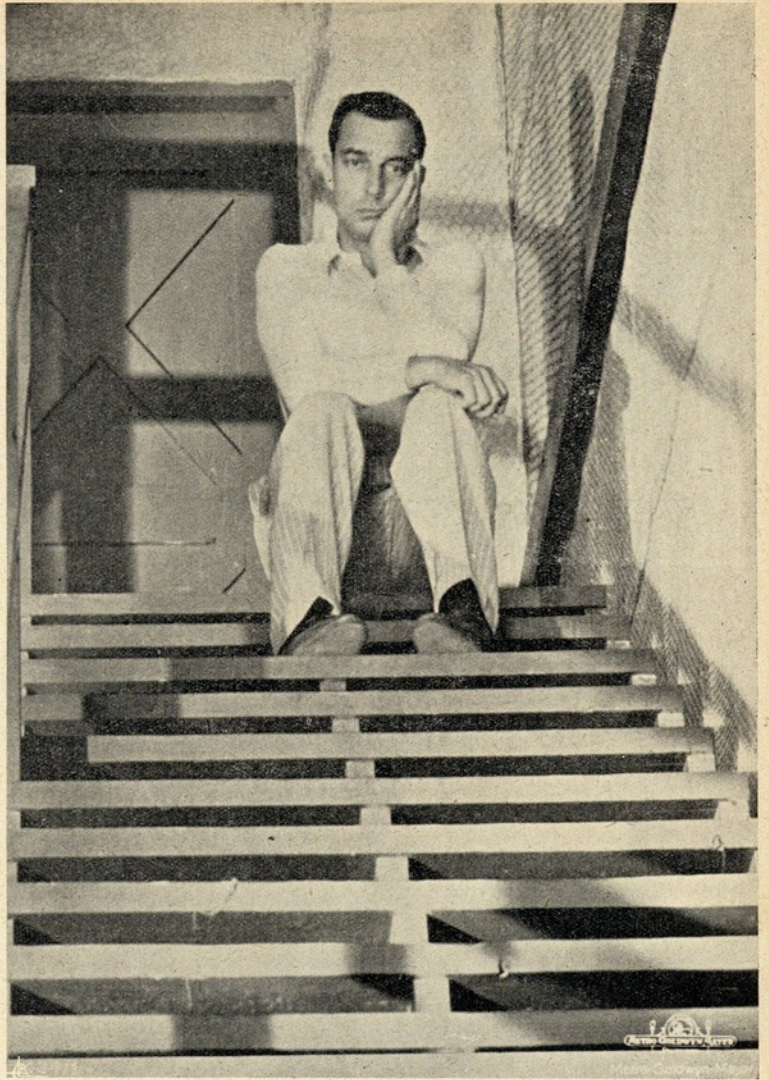
Para jovens com mais de 14 anos o calção de sport com colete do mesmo tecido é muito elegante para praias e campo. O calção de golf não deve ser nem muito comprido nem muito largo, e a este respeito lembro que para se obter um bom comprimento do «plus-four» é preciso que desabotoado chegue ao tornozelo mas nunca mais abaixo.

O casaco preto com um botão, talhado como um «smoking» de bandas largas adapta-se muito bem a várias cerimónias.

As bandas largas combinam com a necessária amplidão do casaco, e um botão só, tem a vantagem de não acusar com precisão a altura da cinta muito útil nas idades de crescimento.

Nada de complicações e detalhes supérfluos.

p i n h e i r o d a r o c h a



QUEM TEM RAZÃO:
A «TOBIS»
O U O
«BLOCO H. DA COSTA»?

ELEGANCIAS

TOILETTES DE INTERIOR

O pyjama, tanto tempo no trono, caminha lentamente para a decadência. A sua voga resume-se hoje quasi exclusivamente, aos desportos de praia.

É fácil de compreender. Mais masculino, mais juvenil, permitindo aos movimentos uma liberdade completa, o pyjama está naturalmente indicado para o exterior.

Dentro de sua casa, a mulher vai lentamente regressando a uma feminilidade que nunca deveria ter abandonado, e que irreflectidamente abandonou, em riscos de perder o seu maior, o seu único encanto infalível.

O roupão readquire a supremacia que o revolucionário pyjama lhe roubara.

E com o seu regresso a mulher readquire o seu melhor pretexto para se adornar, se embelezar, pelo emprêgo profuso das rendas preciosas e das sedas suaves.....

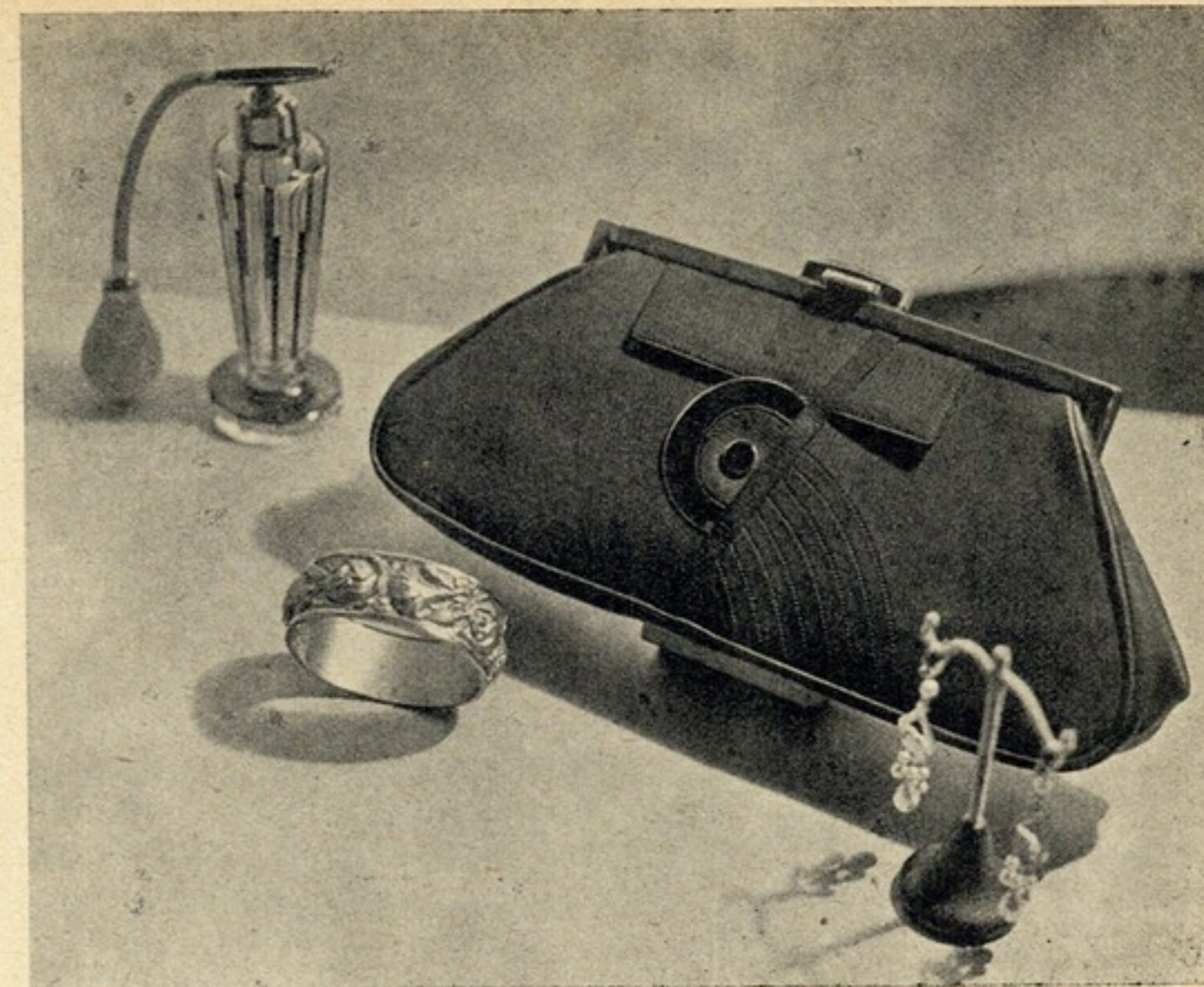
A tendência da moda é, neste particular, absolutamente coerente com as linhas gerais do traje de rua, de visita, ou de baile: bom gosto, bom senso, levesa que consigo traz sempre juventude, sumptuosidade que consigo traz sempre requinte.

A preocupação de excentricidade que, nestes últimos anos ditara as leis da elegância, desaparece, como tinha infalivelmente de desaparecer.

E a mulher começa a vestir-se de acôrdo com a moda e, simultaneamente, de acôrdo com o seu gosto.



Roupão em crepe da china lilaz guarnecido de rendas. Modelo de Albano Ramos Paes & Filho, desta cidade.



«Turquesa», a elegante casa da R. 31 de Janeiro, continua apresentando originalísimas «bijouteries» e acessórios da toilette feminina.



Pull-over de malha côr-de-rosa e preto, da colecção: «Tricot Nonpareil».

A FESTA, OS CHEQUES E O FILME

Como o espaço começa a rarear, agora que a nossa revista marcou definitivamente o seu lugar—muita gente acha uma penal!...—e que o quadro dos nossos colaboradores se vai enriquecendo com o que de melhor existe na moderna geração, vemo-nos obrigados a condensar o expediente numa única página, afim de não privarmos os nossos leitores do proveitoso prazer que lhes trará a leitura de qualquer dos artigos que nos vão sendo entregues.

Temos portanto de lhes dar as notícias que se refiram a questões de expediente em estilo telegráfico.

A FESTA

O administrador—e o sujeito é danado!—coadjuvado por aqueles dos nossos redactores que melhor resistem ao calor, continua na tarefa de angariação dos prémios que serão sorteados entre todos os assistentes à nossa-vossa Festa.

Os outros preparativos encontram-se quasi concluidos. De modo que aguardamos apenas o regresso do nosso amigo Sr. Alvaro Pires, sócio-gerente do São João-Cine, para marcar definitivamente a data em que nos reuniremos todos.

Aquele nosso amigo, partiu para Barcelona no dia 19 do passado mês, afim de escolher os filmes que o mais luxuoso e elegante cinema do País exhibirá na próxima época de inverno, devendo regressar a esta cidade ainda a tempo de nos ser possível dar-vos já no próximo número a data da nossa-vossa Festa, começando imediatamente na nossa redacção a distribuição de bilhetes a quem os requisite e a eles tenha direito, é claro.....

De todos os modos podemos desde já comunicar-vos que a Festa se realizará no decorrer do próximo mês de Setembro, e que a vossa expectativa não será, de modo nenhum, desiludida.

OS CHEQUES

Os cheques seguem com este número, para os nossos assinantes. Rogamos a maior atenção para a pequena circular que os acompanha explicando o modo de serem aproveitados.

O FILME

Supômos que os nossos leitores, ou são de uma infinita modéstia, ou de uma infinita indolência, ou de uma infinita vergonha.....

Temos sobre a nossa secretária meia dúzia de fotografias para o concurso dos intérpretes do nosso filme. São poucas e são más.

Porque é que vocês não concorrem? Não esperem que MOVIMENTO, para a interpretação dos papeis do seu filme vá escolher artistas de teatro.

Preferimos não o fazer, apesar de opiniões em contrário.

Esperamos portanto que todos aqueles que desejam fazer cinema se não limitem aos desejos e façam alguma coisa por isso.

Não é próprio de gente nova desejar as coisas e não tentar consegui-las. Uma das mais belas faculdades da vida é a do esforço. Não nos façam ter pena da vossa geração.

« MOVIMENTO » NECESSITA CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E AGRADECE AOS INTERESSADOS QUE SE PONHAM EM COMUNICAÇÃO DIRECTA COM A REDACÇÃO.

A EVOLUÇÃO DA RÁDIO-TELEFONIA EM PORTUGAL

Há dez anos havia em Portugal uma escassa meia dúzia de amadores de rádio-telefonia. O material de recepção era construção particular desses mesmos amadores, visto que ninguém o vendia em Portugal. As recepções eram, como se calcula, defeituosíssimas. Não havia, como hoje, a recepção da música, acompanhada por alguns ruídos. Havia, sim, a recepção de ruídos, acompanhados por um pouco de música.

Os progressos da rádio-telefonia, nestes dez anos, são incalculáveis. Basta saber-se que os amadores de rádio contam-se hoje, no nosso país, por dezenas de milhares.

A que atribuir este desenvolvimento extraordinário?

Antes de mais nada, à simplificação do manejo dos receptores.

Uma das simplificações mais visíveis para toda a gente é a das «lâmpadas». Antigamente usavam-se lâmpadas de grande consumo, necessitando ser alimentadas por uma bateria de acumuladores de grande capacidade. Apesar disso o consumo era de tal ordem que era necessário carregar os acumuladores com uma frequência verdadeiramente desesperadora. Havia depois a inevitável pilha seca de placa, quasi sempre de qualidade inferior, dada a não existência dos modernos processos. Vejam agora, neste particular, o enorme caminho andado. Começou-se por especialisar o fabrico, creando um tipo de válvula especialmente dedicado ao fim a desempenhar: válvulas de alta e baixa frequência, válvulas detectoras, etc.

Apareceram, seguidamente, as válvulas de quatro electrodos, chamadas de «grelha blindada» vindo o seu aparecimento permitir vários aperfeiçoamentos.

Para a amplificação final, ou de potência, fabricaram-se os chamados «pentodos» válvulas de cinco electrodos, que produzem muito maior rendimento e necessitam muito menor energia de entrada. Mas, finalmente, criou-se o mais importante melhoramento, ou seja: o tipo de lâmpadas destinado a ser alimentado directamente pela corrente alternativa do sector de iluminação por intermédio de um transformador reductor de tensão.

E como este, inúmeros melhoramentos têm sido ultimamente introduzidos, sobretudo pela apresentação de aparelhos com alto-falante incorporado. Mas seria longuíssimo enumerá-los todos.

Damos apenas estas notas rápidas, afim de começar com a nossa página de rádio, por onde logicamente se devem começar todas as coisas, isto é: pelo princípio.

No próximo número faremos a história rápida do nosso posto emissor, dando em seguida aos radiófilos leitores de MOVIMENTO as necessárias informações sobre a nova regulamentação da rádio-telefonia. Supomos, deste modo, cumprir o nosso dever.

PÓSTO EMISSOR
CASA FORTE
C. S. 1 — C. F.
P Ó R T O

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Perguntam-me alguns leitores como se consegue um «dubbing». Da melhor vontade lhes satisfaço a curiosidade: Segundo um sistema encontrado ha tempos e que tem a dupla vantagem de ser rápido e pouco oneroso, começa-se por se projectar, diversas vezes, diante dos «doubles» (os artistas cujas vozes irão substituir as vozes dos actores que interpretam a versão original) o filme que vai ser sincronizado. Depois, o novo diálogo é preparado de maneira que as palavras francesas (por exemplo) coincidam tanto quanto possível, quer no que respeita ao número de sílabas, quer em relação ao movimento dos lábios, com o diálogo inglês. Escreve-se em seguida o diálogo francês (e quem diz francês, pode dizer português, espanhol ou chinês...) sobre filmes positivos que se desenrolam verticalmente, estando as palavras escritas em letras gordas, médias ou pequenas, conforme a inflexão que fôr requerida. Na borda desses filmes uma linha ora negra, ora vermelha, ora verde, etc., acompanha o diálogo; cada côr corresponde às palavras que deve pronunciar este ou aquele actor, o que ajuda muito os «doubles». Fazem-se tantas repetições quantas forem precisas, depois regista-se o diálogo de forma a conseguir o maior sincronismo possível com as imagens. (La Revue Mondiale). Eis tudo. Ha outros processos mais ou menos complicados, mas a rápida descrição deste, creio que bastará para vos deixar com uma ideia geral da técnica do «dubbing» que tem hoje enormes e variadas aplicações.

EXPEDIENTE

MADAME AMOK — Você merece um chi-coração pelas coisas simpáticas que pensa de nós e pelos elogios com que recebeu o nosso número 2. O Armando agradece as felicitações, mas protesta muito seriamente por você o acusar duns «grandes ares de papá...» Quanto a cinemas isto por aqui está uma miséria. Não admira, é o mal do tempo. A qualidade dos espectáculos cinematográficos é inversamente proporcional à quantidade de calor... Este ano ainda não comecei a ir para a praia. Noutro dia uns senhores cá de casa é que foram refrescar para Leça, todo o santo dia... e disseram-me que foram muitíssimo bem acompanhados... Uns mariolas que eles são...

AUGUSTO ANTÓNIO FLORES — Não sei porquê a sua carta ficou por responder, apesar de ter sido uma das primeiras a chegar. Perdoa-me, não é assim?

Vocês são exigentes como o diabo! Agora querem descontos para as «soirées»... Quando é que pedem uma notazinha de vinte escudos dentro de cada número?... Concordo que o seu desejo seja justo, mas nem tudo que é justo é possível. Agradecemos as suas palavras amáveis e a sua proposta. Não nos interessa, porém, um correspondente em Gaia.

COLECCIONADOR DE AUTÓGRAFOS — Podia-lhe dar para peor... Daniele Parola: 24, rue Raynouard, Paris (XVI); Gaby Morlay: 22, rue de la Faisanderie, Paris (XVI); Elga Brink: Berlin W., Prager St. 25. Suponho que todas elas mandarão fotografias autografadas...

sobretudo se o meu amigo mandar os sêlos para a resposta.

NOÉMIA — Ora assim é que eu gosto de ver cartas!... O Alberto Serpa ficou desgotosissimo por Você não concordar com êle, mas diz que não muda de opinião nem a murro (aquilo foi coisa que lhe ficou de pequeno). Muito acertadas as suas considerações sobre «belezas interiores» e «belezas de fachada». Sou inteiramente do seu parecer. Direi ao Médicis para não mexer mais no cadáver do Valentino. Deixe lá, aquilo não é por mal... Está bem, para lhe fazermos a vontade, para outra vez vestiremos o Manuel Oliveira... mas a Polymar é capaz de protestar... e eu não quero conflitos... Folgo em saber que você conhece aí, em Lisboa, muitos amigos do MOVIMENTO. Quanto ao facto de chamarem «calhanário» à revista, tem piada mas não é verdade. Obrigadinho pela sua carta, pela sua criticazinha e pelas palavras bonitas que dedica ao MOVIMENTO. E até breve!

CARVALHAL — Ser-lhe-à enviado o número 1 se ainda houver algum exemplar disponível. Nada tem que agradecer.

JOÃO GOMES — Faça o favor de entrar na «Sala de espera», aí encontrará o que deseja. A Beatriz Costa costuma mandar fotografias autografadas aos admiradores que lhas solicitem. É boa rapariga.

MELISANDE — Allô! Allô! Melisande! Allô!... Com certeza que Você lê o MOVIMENTO. Porque não escreve? Porque não dá um ar da sua graça?...

UM DE OLHOS AZUIS — Não me recordo de Você, mas isso não impede de o receber nesta «Estação de Serviço» com um abraço de boas-vindas. Pode mesmo escrever cartas maiores que não me incomoda absolutamente nada.

Não vejo necessidade de haver um estudio cinematográfico no Porto. Para que o queria Você?

Escreva a Nita Brandão para a Agência H. da Costa, Avenida da Liberdade, Lisboa.

PETER — Não tem nada que agradecer. Não sei se o «Trindade» fará obras durante o tempo que se conservar fechado. «I. F. 1, não responde» deve ser reexibido no «S. João» durante a época estival. Kathe de Nagy mora em Winklerstrasse, 1, Berlin-Grünnewalde, Alemanha. Escreva sempre que queira, só me dá prazer com isso.

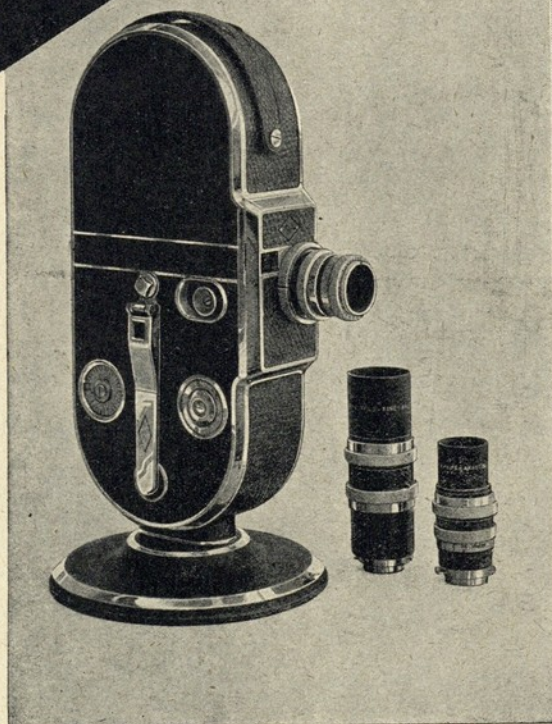
APARTADO N.º 13

UM DE OLHOS AZUIS — Este senhor, que tem uns lindos olhos, deseja trocar correspondência sobre cinema, desporto, etc., com uma rapariga de 16 a 19 anos (mais dia menos dia...), do Porto, Foz ou Matozinhos.

UMA VAMPZINHA — Esta senhora acede em trocar correspondência com «O Rei dos Cinefilos» desejando que a primeira carta seja enviada por intermedio de «Movimento». Estamos à disposição do felizardo.

AMOK.

Agfa



Movex 30

Filmar é mais fácil
do
que fotografar



Agrdecida pela escolha do seu nome para marca de uma notável qualidade de meias, Jeannette Mac Donald envia o seu retrato autografado à

RAINHA DAS MEIAS

Esquina das
Ruas
Santa Catarina e Formosa

PORTO

movimento
é impresso em papel

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 20 DE AGOSTO
— DE 1933 —

**TEATRO
AVEIRENSE**

AVEIRO

30 % NA MATINÉE
DE 27 DE AGOSTO
— DE 1933 —

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 24 DE AGOSTO
— DE 1933 —
2 ENTRADAS

**TEATRO
AVEIRENSE**

AVEIRO

30 % NA MATINÉE
DE 20 DE AGOSTO
— DE 1933 —

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 27 DE AGOSTO
— DE 1933 —

4

movimento

**TEATRO
AVENIDA**

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 20 DE AGOSTO
— DE 1933 —

**TEATRO
AVENIDA**

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 27 DE AGOSTO
— DE 1933 —

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 17 DE AGOSTO
— DE 1933 —
2 ENTRADAS



MARIE GLORY



MIRIAM HOPKINS



H. MARSHALL



G. RAIMOND

MOVIMENTO
cinema — arte — elegancia

número 4
15 de agosto
1 9 3 3

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manuel, 27
p ó r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:
6 num. — 9\$00
12 — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28 — sala 4 — porto
este número foi visado pela comissão de censura

movimento

é impresso em papel

fornecido pela casa

CRUZ, SOUSA & BARBOSA, Lim.

Rua 31 de Janeiro, 165-1.º — Telefone, 2753 — PORTO

**Sempre em armazem: Papeis
para revista, livro e jornal.**

**Papeis de escrita, couchés,
fantazias, embalagem, etc.**

**Cartolinas, papelão, cartão
madeira, duplex, etc.**

movimento _____ número 4
cinema — arte — elegancia _____ 15 de agosto
1 9 3 3

capa, comp. e imp. da

tip. costa carregal

tr. passos manoel, 27

p ô r t o

propriedade de

armando e armando

assinaturas:

6 núm. — 9\$00

12 . — 18\$00

avulso 1\$50

_____ administrador e editor: armando barros _____

redacção e administração: rua elisio de melo, 28 — sala 4 — porto

_____ este número foi visado pela comissão de censura _____

PIANOS
BECHSTEIN



Esta visão recorda-me a pergunta daquela mãe eulevada na filhinha sentada ao Bechstein, dirigida ao velho Lizi: "Não é verdade que a minha filha já toca divinamente?...."

E o Mestre respondeu sorrindo: "Ela também, tem um piano divino."

DANIEL RUVINA

RUA FORMOSA, 173

P O R T O